

GIL VICENTE, TROVADOR, MESTRE DAS PALAVRAS

Ana Carolina de Souza Ferreira (USP)
ana.souza.ferreira@usp.br

1. *Gil Vicente: um ourives e um poeta ou um poeta ourives?*

Pesquisar a biografia de um autor poder ser, obviamente, fácil ou complicado. Fácil, pois às vezes encontramos várias biografias escritas por pesquisadores diferentes e só resta ao leitor curioso escolher uma delas e se enveredar pelas histórias da vida de seu autor. Complicado, mais do que difícil, é o caso de quem, por exemplo, como neste trabalho, escolhe pesquisar a vida de um autor que nasceu no século XV e morreu no século XVI.

O mais complicado ao pesquisar a vida (e a obra) de Gil Vicente é que não encontramos facilmente um livro cujo objetivo seja apenas falar da vida do autor. O motivo é óbvio: tudo sobre a vida do autor é muito incerto, principalmente pela falta de documentos da época¹³⁴ que certifiquem dados biográficos como o local e a data de seu nascimento e/ou morte. Como foi dito, é complicado por este motivo, mas não é difícil encontrar centenas de livros que se proponham a analisar sua obra e a (tentar) falar um pouco sobre o que se sabe da vida de Gil Vicente.

Gil Vicente, ou mestre Gil como alguns pesquisadores o tratam, provavelmente nasceu entre 1460 e 1470, sendo o ano de 1465 o mais aceito¹³⁵. Há três cidades que partilham a dúvida sobre o local de seu nascimento: Lisboa, Barcelos e Guimarães, sendo esta última provavelmente o lugar de sua naturalidade devido a um documento atestando que Gil Vicente era natural desta cidade (FREIRE, 1944, p. 46). Casou-se duas vezes, primeiro com Blanca Bezerra (entre 1484 e 1486) e com ela teve dois filhos: Gaspar e Belchior Vicente. Na segunda vez, já viúvo (sua primeira esposa morreu em 1514), casou-se com Melícia Rodrigues (1517), de quem teve três filhos: Paula Vicente, Luís Vicente e Valéria

¹³⁴ Até a Revolução Francesa, registravam-se apenas dados relacionados às pessoas da corte, ou seja, os nobres. Depois disso, o registro das pessoas em geral passou a ser feito (COSTA, 2009, p.13).

¹³⁵ Os biógrafos do poeta se pautaram em duas apresentações, sejam elas a farsa do *Velho da Horta* (1512) e a comédia *Floresta de Enganos* (1536), nas quais Gil Vicente atuou como personagem. A partir da idade que as personagens se atribuem, Gil Vicente teria nascido entre 1460 e 1470.

Borges. Quanto à sua morte, deve ter ocorrido em 1536, o ano em que sua última composição (“Floresta de Enganos”) foi apresentada, ou pouco depois, visto que em 1540 já se falava do autor no passado.

A diferença no sobrenome da última filha, Valéria, pode parecer estranha, já que todos os outros filhos tinham o sobrenome do pai, Vicente. Isso pode ser explicado por uma hipótese que afirma que tanto a mãe quanto a irmã de Gil Vicente tinham o sobrenome Borges (FREIRE, 1944, p. 52), talvez daí o autor tenha preferido este para a filha.

Outra questão intrigante acerca da biografia do autor é a identificação do Gil Vicente autor, com um Gil Vicente ourives da mesma época. Todo debate começou pela existência de um documento¹³⁶ com o escrito “Gil Vicente trovador mestre da balança”, referindo-se ao tal ourives homônimo. Se esta fosse a única coincidência entre ambos, talvez o debate não fosse tão complicado, pois além deste documento, há também o fato de que tanto o tal ourives quanto o poeta estavam “a serviço” da *Rainha Velha*, Dona Leonor. Afirma Teyssier (1982, p. 9):

Um dos problemas maiores [...] é o da identificação do poeta Gil Vicente com um outro Gil Vicente, ourives muito conhecido na época e autor da célebre custódia de Belém. [...] O ourives Gil Vicente terminou a custódia em 1506, utilizando no seu trabalho o ouro das “páreas” entregues pelo rei de Quíloa e trazidas por Vasco da Gama em 1503, no regresso da sua segunda viagem à Índia. [...] o mesmo ourives figura em documentos como protegido da “Rainha Velha”, Dona Leonor.

Assim começou uma discussão divisora de opiniões onde há quem afirme com certeza, como Braamcamp Freire, que o ourives e o poeta são a mesma pessoa: o autor se baseia principalmente no documento referido, pois nele Gil Vicente é designado simultaneamente como poeta (trovador) e ourives (mestre da balança), além do “amadrinhamento” da rainha Dona Leonor e do fato de não existirem documentos que provem o contrário¹³⁷, ou seja, que eram pessoas diferentes. Enquanto outros, pela de-

¹³⁶ “[...] No alto do verso da folha deste livro 42º, por cima do registro da carta régia de 4 de Fevereiro de 1513, pela qual foi nomeado mestre da balança da Moeda de Lisboa, Gil Vicente, ourives da rainha D. Leonor, mão autorizada e contemporânea escreveu este sumário: GIL VICENTE TROVADOR MESTRE DA BALANÇA” (FREIRE, 1944, p. 35)

¹³⁷ “Estas palavras, escritas em vida de Gil Vicente [...] por pessoa que tinha faculdade especial dentro da Torre do Tombo anotar livros de Chancelaria régia nesta e, note-se, em várias outras folhas; estas palavras [...] revestem-se de tal autoridade e peso que equivalem a um documento, autêntico, coevo [...] com tal força, em suma, que só outro documento o poderia destruir. [...] Gil Vicente ourives e Gil Vicente poeta foram o mesmo homem.” (FREIRE, 1944, p. 35)

licadeza do assunto, preferem não afirmar nada e apenas citam a questão ou mesmo negam esta versão, ou seja, que eram a mesma pessoa, seja pela falta de certeza, seja por outros argumentos como, por exemplo, o de que o nome do autor era muito comum, pois Gil era um nome vulgar e São Vicente patrono de Lisboa. (SARAIVA, 1970, p. 194).

Ainda sobre a vida do autor não podemos deixar mencionar a erudição de Gil Vicente:

Sabia latim [...] com certa profundez; das línguas vivas aprendeu o castelhano, o francês e o italiano; leu livros sagrados e os santos padres, e também os poetas e trovadores de seu tempo [...] recebeu uma tintura de jurisprudência; mas era, sobretudo, inclinado às credences e superstições do povo, [...] das quais tinha largo conhecimento (FREIRE, 1944, p. 52).

Enfim, de uma forma ou de outra podemos encontrar em sua obra vestígios desta larga educação de origem desconhecida.

2. A obra vicentina: Trilogia das barcas, Um auto de moralidade ou o quê?

Se Gil Vicente como ourives teve seu grande momento com a sua *Custódia de Belém*, como poeta teve sua grande estreia no dia 7 de Junho de 1502, um dia depois do parto da rainha Dona Maria de Castela, casada com o monarca Dom Manuel: para homenagear o nascimento do príncipe João, futuro rei Dom João III, Gil Vicente encena nos aposentos reais o *Monólogo do Vaqueiro*, também conhecido como *Auto da Visitação*. Após terminar sua atuação, entram uns trinta pastores com presentes (ovos, queijos etc.) também para prestigiar o recém-nascido. (FREIRE, 1944, p. 61).

Na câmara da rainha parturiente encontravam-se seu marido; sua cunhada, a Rainha D. Leonor (futura *musa* vicentina); sua sogra, D. Beatriz; sua outra cunhada, Duquesa de Bragança e alguns oficiais e damas mais chegados às pessoas reais. Apesar de tal situação parecer absurda atualmente, a surpresa inesperada do poeta foi tão bem recebida, principalmente por D. Leonor, que pediram a Gil Vicente para representá-la novamente na manhã de natal. (FREIRE, 1944, p. 62).

Naquela noite, tornava-se Gil Vicente o criador do teatro português, afinal antes de sua(s) apresentaç(ão/ões), o formato dos espetáculos portugueses não possuía essa junção de um texto com um ator o representando (constituição do verdadeiro teatro). (Cf. TEYSSIER, 1982, p.

36) Assim, *por ser cousa nova em Portugal*, Gil Vicente deu início à tradição do teatro lusitano.

Estima-se que Gil Vicente tenha criado mais de quarenta peças (quase cinquenta) ao longo de sua vida, sendo a maioria destes textos conhecidos graças à “*compilação*”¹³⁸ feita pelos filhos do poeta, Paula e Luis Vicente. Esta edição da obra vicentina é altamente criticada tanto por causa da censura inquisitorial, que excluiu algumas peças desta compilação, quanto pelas modificações feitas pelos filhos à obra do pai. Sabe-se destas alterações, graças à existência de algumas folhas volantes impressas¹³⁹ durante a vida de Gil Vicente, que quando confrontadas com a edição de 1562, nos saltam aos olhos suas diferenças, sejam elas ortográficas, estilísticas, sintáticas, lexicais, semânticas ou cronológicas.

Quem deu início ao trabalho de compilar a obra completa de Gil Vicente foi o próprio autor, a pedido do rei D. João III (cujo nascimento foi aquele homenageado por Gil Vicente em 1502, como dito acima, com a representação do *Monólogo do Vaqueiro*). O autor não conseguiu terminar tal tarefa, e assim seus filhos acabaram assumindo este compromisso, concluindo-o com uma edição repleta de escolhas duvidosas.

Tendo em vista os autos das “Barcas” vicentinas¹⁴⁰, podemos começar a visualizar tais escolhas a partir de uma questão simples: Por que é tão comum que se refiram a estes textos como uma trilogia?

Em primeiro lugar é preciso dizer que ao definir estes textos como trilogia das barcas, o erro principal se refere ao fato de, na verdade, só existirem duas barcas, ou seja, a barca do inferno e a barca da glória. A confusão se cria pela existência de três destinos possíveis (inferno, purgatório ou paraíso), ou seja, no “segundo” auto não se tem uma barca do purgatório e sim um novo destino. Diz Teyssier (1982, p. 19):

[...] consagrada essencialmente ao Inferno, foram acrescentadas duas outras, respectivamente ao Purgatório e ao Paraíso, passou-se a falar, de maneira im-

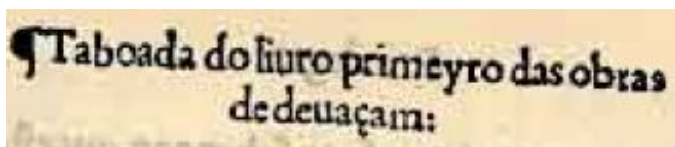
¹³⁸ “Compilaçam de toda las obras de Gil Vicente” (1562).

¹³⁹ Foram encontradas as folhas volantes das seguintes obras: *Auto de Moralidade*, *Farsa de Inês Pereira* e *Breve Sumário da História de Deus* (seguido do *Diálogo sobre a Ressureição*), todos localizados na Biblioteca Nacional de Madrid; *Pranto de Maria Parda*, localizado na Biblioteca Palha; e *Auto da Festa*, localizado na Biblioteca Sabugosa (este auto não figura na *Copilação*). (TEYSSIER, 1982, p. 24-25)

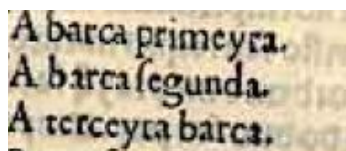
¹⁴⁰ Neste trabalho contemplaremos três autos vicentinos: *Auto de Moralidade* (Auto da Barca do inferno) de 1517; *Auto da Praia Purgatória de 1518*; e *Auto da Embarcação da Glória de 1519*.

própria – visto que há de cada vez em cena duas embarcações – da Barca do Inferno, Barca do Purgatório e Barca da Glória. Essa impropriedade perdurou longamente e está hoje consagrada pelo uso.

Mesmo assim, apenas este argumento não resolve de todo a questão e nem explica porque podemos verificar as intervenções dos filhos na obra de Gil Vicente. O que acontece na verdade é que, na Compilação de 1562¹⁴¹, estes autos foram organizados como uma sequência (“a barca primeira”; “a barca segunda”; “a terceira barca”) já em seu índice (“taboada do livro primeyro das obras de deuaçam”):

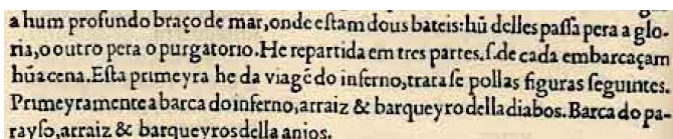


Taboada do livro primeyro das obras
de deuaçam:



A barca primeyra.
A barca segunda.
A terceyra barca.

Confirmando esta divisão, diz o argumento antecessor¹⁴² do primeiro auto da edição de 1562:



a hum profundo braço de mar, onde estam dous bateis: hu delles passa pera a gloria, o outro pera o purgatorio. He repartida em tres partes. f. de cada embarcaçam hũa cena. Esta primeyra he da viagêdo inferno, trata se pollas figuras seguintes. Primeiramente a barca do inferno, arraiz & barqueyro della diabos. Barca do parayso, arraiz & barqueyros della anjos.

Notamos aí dois fatos importantes: I) há contradição ao instaurar como os dois batéis a barca da glória e a “barca” do purgatório. Contradição por três motivos: primeiro, porque apesar de serem duas barcas, são elas a barca da glória e a barca do inferno; segundo, pelo motivo já referido anteriormente, ou seja, de que não há uma barca para o purgatório; e terceiro, porque ao final do argumento está escrito que há uma bar-

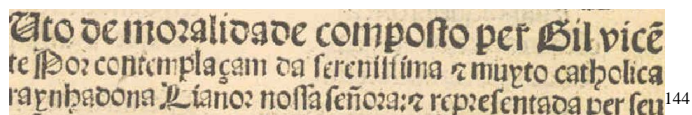
¹⁴¹ Fac-símile da *Compilaçam* de 1562, disponível do sítio da Biblioteca Nacional de Lisboa <<http://www.bnd.bn.pt>>.

¹⁴² “A hum profundo braço de mar, onde estam dous bateis: hu delles passa pera a gloria, o outro pera o purgatório. He partida em três partes e de cada embarcaçam hũa cena. Esta primeira He da viagem do inferno, tratase pollas figuras seguintes. Primeiramente a barca do inferno, arraiz & barqueyro della diabos. Barca do parayso, arraiz e barqueyros della anjos.”

ca do inferno (“primeiramente a barca do inferno”), o que certamente causa um estranhamento ao leitor; II) Ao arranjar as obras dessa maneira, instaura-se uma sequência que colabora com a ideia de trilogia. Apenas isso já ilustra as decisões, no mínimo teratológicas, de Luís Vicente ao editar a obra de Gil Vicente.

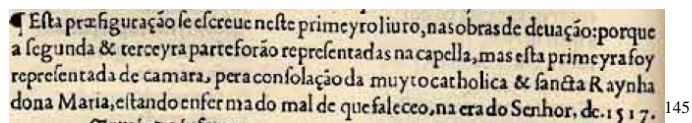
Agora a questão é outra: estes autos constituem uma trilogia? A resposta é não.

Apesar de o “primeiro” auto ser comumente designado como “Auto da Barca do Inferno”, na verdade se chama *Auto de Moralidade*¹⁴³:



Auto de moralidade composto per Gil vicē
te por contemplaçam da serenissima e muyto catholica
raynhadona Lianor nossa señoza: e representada per seu

E foi representado em 1517:



Esta prefiguração se escreue neste primeyro liuro, nas obras de deuação: porque
a segunda & terceyra parte forão representadas na capella, mas esta primeyra foy
representada de camara, pera consolação da muyto catholica & sancta Raynha
dona Maria, citando enferma do mal de que faleceo, na era do Senhor, de. 1517.

O *Auto de Moralidade*, portanto, acabou conhecido como “Auto da Barca do Inferno” graças, mais uma vez, à edição de 1562, que em seu argumento, como foi visto anteriormente¹⁴⁶, diz que “para cada embarcação ter-se-á uma cena”, de forma que a “primeira viagem” é para o inferno.

É importante que expliquemos isto, pois a partir do título do “primeiro” Auto, ou seja, o *Auto de Moralidade*, e não “Auto da Barca do Inferno”, percebemos, por exemplo, não só as alterações feitas por

¹⁴³ “Auto de moralidade composto per Gil Vicete por contemplaçam da serenissima y muyto catholica raynha dona Lianor nossa senora e representada per seu”

¹⁴⁴ Fac-símile da folha volante do *Auto de Moralidade* que se encontra na biblioteca Nacional de Madrid.

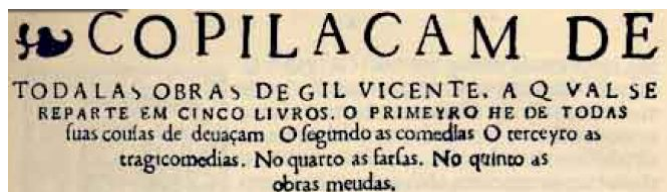
¹⁴⁵ Fac-símile da *Compilaçam* de 1562, disponível do sítio da Biblioteca Nacional de Lisboa <<http://www.bnd.bn.pt>> e diz o seguinte: “Esta prefiguração se escreve neste primyro livro, nas obras de deuação: porque a segunda & terceyra parte forão representadas na capella, mas esta primeyra foy representada de camara, pera consolação da muyto catholica & sancta Raynha dona Maria, estando enferma do mal de que faleceo, na era do Senhor de 1517”.

¹⁴⁶ Vide fac-símile da página 4.

Luis Vicente na Obra do pai, como também que, a priori, Gil Vicente não tinha a intenção de escrever um auto com três cenas, ele apenas havia escrito *um* auto com a temática do julgamento depois da morte que todos enfrentariam um dia. Diz TEYSSIER (1982, p.48):

Fala-se muitas vezes da “trilogia das Barcas”. A designação é imprópria. Quando Gil Vicente compôs a primeira destas três peças não previa que duas outras se seguiriam, que depois do Inferno viriam o Purgatório e o Paraíso. Graças à “folha volante” da Biblioteca Nacional de Madrid dispomos do texto autêntico desta obra, representada sem dúvida em 1517.

A respeito ainda das modificações feitas na *Copilaçam* podemos destacar também a repartição da obra de Gil Vicente em cinco categorias/livros:



O problema desta classificação está, principalmente, ao uso do termo *tragicomédia*. Diz Teyssier (1982, p. 43):

Acontece, de facto, que o próprio Gil Vicente se pronunciou sobre a questão. Na carta prefácio em espanhol em que oferece *Dom Duardos* a Dom João III, fala das “comédias, farças, y moralidades” que compôs ao serviço da Rainha Dona Leonor. Eram essas, consequentemente, as três categorias em que classificava o seus autos, pelo menos em 1522 [...]. Parece-nos assim, melhor deixar-nos orientar por esta divisao tripartida. [...] sem deixar de observar que Gil Vicente ignora o termo “tragicomédia” e que designa por “moralidade”, sem dúvida, todo o conjunto das suas peças de inspiração religiosa.

Enfim, a compilação de 1562 nos mostra uma série de problemas de edição. O que expomos aqui são apenas algumas provas disto.

3. Considerações finais

Como foi dito e provado, existe uma série de problemas em relação à compilação de 1562. Neste trabalho, nos propusemos a instaurar

¹⁴⁷ “Copilacam de todas as obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros. O primeiro he de todas as suas cousas de deuaçam O segundo as comedias o terceyro as tragicomedias. No quarto as farsas. No quinto as obras meudas”

algumas questões a respeito da conhecida (erroneamente) “trilogia das barcas” de Gil Vicente. Estas questões acabam suscitando outras como: até onde vão as alterações feitas por Luis Vicente nestes textos? Quais são as variantes quando confrontamos a folha volante do *Auto de Moralidade* com o texto da edição de 1562? Qual o papel da Censura Inquisitorial nestas mudanças/variantes?

Estas questões serão respondidas posteriormente, visto que esta pesquisa ainda se encontra em andamento. Além de responder estas questões, também confrontaremos estes autos da edição da compilação de 1562 com os da edição de 1586, seriamente comprometida pela censura Inquisitorial. Neste sentido é interessante levarmos em consideração os trabalhos de I. S. Revah (1951), Paulo Quintela (1946) e Carolina Michaelis de Vasconcelos (1949) a respeito de edições críticas da obra de Gil Vicente, que contribuirão de apoio para esta pesquisa.

Para concluir este trabalho o que nos resta dizer? Mais importante do que revelar as mutilações na obra de Gil Vicente, sejam elas por seus editores, sejam elas pela censura, é nos lembrarmos de que o autor foi e sempre será mestre: Mestre da balança, Mestre do teatro português, Mestre das palavras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, José Augusto Cardoso. *Gil Vicente*. Lisboa: Edições 70, 2008.

CAMÕES, José (Dir.). *As obras de Gil Vicente*, Vol. IV. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2002.

CAMÕES, José. Introdução. In: VICENTE, Gil. *Purgatório*. Lisboa: Quimera, 1993. E-book 2005. Disponível em: <<http://www.quimera-editores.com/catalogo/vicente/pdf/Purgatorio.pdf>>.

COSTA, Marcos Alberto Galdino. Vida e obras de Gil Vicente. In: _____. *O conceito de soteriologia na trilogia religiosa de Gil Vicente*. 2009. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie.

FREIRE, Anselmo Braamcamp. *Vida e obras de Gil Vicente*: Trovador, Mestre da Balança. Lisboa: Ocidente, 1944.

LÓPEZ, Andrés José Pociña. Para uma edição crítica das Barcas de Gil Vicente. In: *Anais do XXII Congresso Internacional da ABRAPLIP*. 2011. Salvador: UFBA, p. 154-160.

PAIXÃO, Fabio Sanches. *Diálogos entre as Barcas vicentinas e a Divina Comédia dantiana: o texto literário ao serviço de projetos moralizadores*. 2011. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

PICCHIO, Luciana Stegagno. Gil Vicente. In: _____. *História do teatro português*. Lisboa: Portugalia, 1964.

QUINTELA, Paulo. *Auto de moralidade da embarcação do inferno*. Coimbra: Atlântida, 1946.

RECKERT, Stephen. *Espírito e letra de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983.

REVAH, I. S. *Recherches sur les oeuvres de Gil Vicente*. Tome I édition critique du premier "Auto das barcas". Lisbonne: [Institut français au Portugal], 1951.

RODRIGUES, Maria Idalina Resina. A barca gloriosa do quarto novíssimo. *Os Últimos Fins na Cultura Ibérica (XV-XVIII)*. *Revista Fac. Letras: Línguas e Literaturas*. Anexo VIII. Porto, 1997, p. 7-41.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *Gil Vicente: criador do teatro português*. [s.n.e.]

SARAIVA, José António. Gil Vicente. In: _____. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2005.

SPINA, Segismundo. Introdução. In: VICENTE, Gil. *O velho da horta. Auto da barca do inferno. A farsa de Inês Pereira*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

TEYSSIER, Paul. *Gil Vicente – o autor e a obra*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.

VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. *Notas vicentinas preliminares duma edição crítica das obras de Gil Vicente*; Notas I a V, incluindo a introdução à edição fac-similada do Centro de Estudos Históricos, de Madrid. Lisboa: Edição da Revista Ocidente, 1949.